

## Module 1 Interview - Sonia Shah (Portuguese)

Olá! Bem-vindos à primeira rodada de vídeos do Módulo 1, do curso "Jornalismo na pandemia: cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Estou aqui com a jornalista especializada em ciência, palestrante TED e escritora Sonia Shah. Entre seus livros estão "The Fever Pandemic" e o mais novo "The Next Great Migration", que sai em junho. Sonia, obrigada por se juntar a nós.

Obrigada pelo convite.

Você é uma das poucas jornalistas a publicar um livro sobre a possibilidade de ocorrerem pandemias. Estou curiosa: como você se sente vendo uma pandemia acontecer em volta de você, depois de ter tentado avisar que isso poderia ocorrer?

Eu acredito que não deveria ser tão estranho e surpreendente para mim. Mas é. Assim como é para todo mundo. É uma experiência surreal. Mas, ao mesmo tempo, acontecem coisas atualmente que ecoam a história. Então, eu estou constantemente me lembrando de outras epidemias. Então eu não me sinto tão surpresa, mas ainda assim é muito surreal e estranho.

Olhando para os acontecimentos dos últimos quatro meses... Fora da China, acabamos de chegar à marca de quatro meses [de pandemia]. O que aconteceu conforme as reportagens que você havia feito? E houve alguma coisa que te surpreendeu?

Muitas coisas são familiares. A forma como a doença se espalhou, claro, é muito familiar. Se espalhou seguindo padrões de comércio e viagens, de formas que subestimamos há muito tempo. E políticos que fecham as fronteiras logo depois que todos já saíram. Isso é realmente emblemático de como muitas epidemias se espalharam.

A forma como estamos buscando culpados. Apontando dedos uns para os outros. Sejam os chineses, ou cientistas ruins, ou essa conspiração, ou aquela conspiração, ou esses imigrantes ou essas pessoas que estão indo de um lugar para o outro. Isso é tudo muito familiar. A busca por uma cura biomédica que nos salvará de tudo isso. Isso também é muito familiar.

Mas o que realmente me surpreendeu sobre esta pandemia é o enorme fracasso político nos Estados Unidos. Eu acho que isso realmente não era algo esperado. Eu acho que todos nós estamos um pouco confusos sobre a resposta que os EUA estão dando para essa pandemia e sobre o momento político que estamos vivendo. Ao redor do mundo, vemos todos esses líderes populistas de direita e como isso está dificultando o combate à pandemia. Isso tem sido realmente muito surpreendente e inesperado.

Olhando para trás, eu percebo que eu mesma venho escrevendo sobre a possibilidade de haver uma pandemia durante boa parte da minha carreira. Em todos os diferentes cenários e possibilidades que eu desenhei para mim mesma, o fato de que o governo dos EUA estaria ausente e que o CDC (Centro de Prevenção de Doenças dos Estados Unidos) estaria ausente ou invisível, isso nunca passou pela minha cabeça.

É absolutamente incrível. Incrível como rapidamente essas instituições se desintegraram completamente e se transformaram em algo completamente diferente. Fazendo propaganda ou usando políticas públicas como armas políticas. Isso aconteceu muito rapidamente.

Eu lembro que, no seu livro "Pandemic", você escreveu sobre como líderes políticos tomam decisões sobre quarentenas, decidindo entre custos previsíveis e benefícios imprevisíveis - uma frase maravilhosa. Eu me pergunto como você vê as escolhas muito diversas que foram tomadas em todo mundo para combater a pandemia - o bloqueio de cidades, o distanciamento social, o grau de liberdade de movimento? Acabamos de falar sobre os EUA. Mas da China à Itália, da Suécia à América do Sul, há uma grande variedade de ações tomadas por diferentes governos.

Eu ainda não tenho uma ideia clara sobre isso. Acho que estamos tão dentro do momento e ainda tentando entender o que está motivando muitas das respostas políticas.

Mas eu sinto que o que aconteceu foi que, sem que os EUA oferecesse uma forma alternativa de enfrentar essa pandemia, o modelo chinês se tornou o centro da discussão. E então nós estamos vendo muitos países tomarem medidas em reação aos modelos adotados na China. Por exemplo: bloqueamos as cidades ou não? Em vez de analisar qual é a nossa situação demográfica, como é a estrutura etária da nossa população, quantos leitos de UTI realmente temos, quantos ventiladores temos? E apresentar medidas diferenciadas. O que estamos vendo é muita resposta política. Então, os países decidem... bem, os custos políticos de não fazer nada são muito altos. Todos nós vimos o que aconteceu na Itália. Todos nós vimos o que aconteceu em X, Y, Z, lugares que pareciam muito ruins. E então precisamos fazer alguma coisa.

Acho que há apenas um monte de reação, um tipo de reação reflexiva, um fazer por fazer. Porque os custos da quarentena são enormes, mas também são diferenciados. Os custos estão caindo de forma mais pesada nas pessoas mais pobres, pessoas marginalizadas, pequenas empresas. Muitos dos grandes negócios estão indo realmente bem - alguns estão até crescendo. Então, eu acho que tudo isso está desempenhando um papel. Não é simplesmente uma questão de adiantar os custos econômicos para ter um futuro benefício para a saúde pública. Há toda essa política acontecendo.

Então, vamos mudar de assunto, de política para ciência. Em seu livro "Pandemia", você também falou sobre a dificuldade de mudar os sistemas de vigilância. A ideia é que nós tentemos detectar patógenos pandêmicos que estão emergindo das espécies animais, como ocorreu com este coronavírus. E como ocorreu com a MERS, a SARS e o Ebola. Você tem ideia sobre qual poderia ter sido a possibilidade de detectar esse vírus assim que ele migrou dos animais para os seres humanos? E o que deve ser feito para detectar a próxima transferência de vírus de um animal para uma pessoa, algo que nós sabemos que vai acontecer, só não sabemos quando.

Nós sabemos que cientistas, por exemplo, da Eco Health Alliance, estavam em partes da China estudando a presença de anticorpos contra coronavírus nas populações locais. E eles descobriram que, em alguns lugares, cerca de 3% têm anticorpos contra diferentes coronavírus. No entanto, se eles ainda estivessem fazendo esse trabalho, se esse trabalho ainda estivesse recebendo financiamento, eles teriam encontrado este novo coronavírus? É impossível saber. Mas essas coisas podem acontecer por acidente. E também podem ser motivadas por grandes forças sociais, políticas e econômicas - que têm progredido de forma acelerada ao longo do tempo. Então, não podemos dizer com certeza que nós teríamos identificado este aqui [o novo coronavírus]. Talvez tivéssemos. Talvez não. Mas o fato é que nós tínhamos um programa e que estávamos procurando por esses patógenos que podem migrar de animais para pessoas, especialmente de morcegos para pessoas, era um trabalho que estava em curso. Mas o financiamento foi retirado e o trabalho desmoronou. Então, nós só podemos especular o que poderia ter ocorrido se eles tivessem continuado fazendo esse trabalho e se nós tivéssemos fortalecido essa capacidade de pesquisa.

Certo. Antes de começarmos a gravar, nós estávamos conversando sobre quantas pessoas estão fazendo este curso. No dia em que estamos conversando, são cerca de 5.000 pessoas. E elas vêm, literalmente, de todo o mundo. Pensando nesse espectro gigantesco, você tem alguma sugestão para os jornalistas que estão fazendo este curso sobre quais ângulos ou quais histórias eles deveriam buscar dentro de seu contexto local, para ajudar a entender as circunstâncias desta pandemia?

Em geral, precisamos procurar as histórias que não estão sendo contadas. Pessoas que estão sofrendo o impacto, mas não estão no centro das atenções. Então, precisamos olhar para pessoas que estão presas, refugiados e pessoas que estão pedindo asilo no país, os sem-teto... Toda essa população marginalizada que é difícil de alcançar até em tempos normais. E ainda mais difícil agora. Outro ponto importante é que nós precisamos ampliar as opiniões especializadas que usamos em diversas reportagens. É muito fácil trabalhar na linha: São muitos vírus. Então, busque um virologista. É uma epidemia. Procure os epidemiologistas. É uma crise econômica, fale com economistas. Mas também podemos recorrer a antropólogos da área de saúde, advogados especializados em saúde global, especialistas em bioética... Há uma grande variedade de pessoas que têm experiência nesta área. E uma outra contribuição importante: pensar estrategicamente sobre o que está acontecendo. Então, precisamos expandir, porque neste momento há muitos jornalistas cobrindo epidemia, algo que estão fazendo pela primeira

vez. Eu acho que nós precisamos expandir o tipo de fontes com quem nós falamos, para realmente lançar luz sobre o que está acontecendo.

É um ótimo conselho, até porque não queremos ficar citando as mesmas fontes que todo mundo está citando. Uma das reportagens favoritas que eu fiz nesse último mês foi entrevistar alguns historiadores da área de saúde sobre as lições que podemos tirar de pandemias anteriores. Particularmente, sobre campanhas de vacinação e como podem nos ajudar a entender o que fazer se conseguirmos uma vacina contra a pandemia atual. Uma última pergunta, de escritora para escritora. Eu adoraria ouvir um pouco mais sobre seu próximo livro e, particularmente, se você pode relacionar o tema do livro com o que estamos vivendo agora.

Eu escrevi "The Fever", sobre a malária, que foi lançado em 2010. Em seguida, eu escrevi "Pandemic", sobre doenças infecciosas que estão emergindo, publicado em 2016. Algo que surgiu desse trabalho, algo que me chamou muito atenção foi o quanto os patógenos moldaram a história humana. Ao longo do tempo, nós temos nos adaptado aos patógenos de tantas maneiras diferentes, seja através de mutações genéticas que carregamos conosco e que nos trazem riscos de doenças modernas, seja pela mudança nos nossos padrões de assentamento. E a lista de como os patógenos moldaram nossa sociedade e nossos comportamentos continua. Algo realmente impressionante é que a área do comportamento humano que os patógenos mais exploraram é a nossa mobilidade. E, no entanto, ao longo do tempo, nós não alteramos a nossa mobilidade. Se algo mudou é que nós nos movemos mais, mais rápido e para mais longe. Então, eu queria explorar por que isso acontece? Qual é o papel da mobilidade humana na natureza, na história? Considerando o grande custo que isso nos traz, não apenas nos tempos modernos, não apenas com esta pandemia ou a última pandemia, mas em toda a nossa história. Então, o que eu queria era explorar como a mudança climática está alterando os padrões de migração, não apenas entre as pessoas, mas também entre as espécies selvagens. E qual o papel da mobilidade na nossa resiliência biológica.

Estou ansioso para ler. Então esse é o livro "The Next Great Migration", que vai ser lançado em junho. E a Sonia também é a autora, entre outras obras, de "Pandemic", sobre o qual já falamos, e "The Fever". Muito obrigada por participar deste curso. Nós gostamos muito.

Obrigada.